

Fonologia – por uma análise integrada à Morfologia e Sintaxe¹

Thaïs Cristófaró Silva

(UFMG)

1. Introdução

Este trabalho visa a discutir alguns aspectos da interação dos componentes fonológico, morfológico e sintático na gramática do português brasileiro. Entende-se por gramática o conjunto de princípios (e parâmetros) que caracterizam o Conhecimento Lingüístico internalizado (CLI) dos falantes. A abordagem teórica aqui adotada é aquela proposta em KAYE (1992, 1995), KAYE & VERGNAUD (1990).

Discutiremos alguns aspectos de mudanças na organização da seqüência sonora do Português com o objetivo de investigarmos a interação entre processos fonológicos e os componentes morfológico e sintático da gramática. Nossa discussão tenta, portanto, investigar a interação entre os componentes presentes na organização do léxico.

Entendemos que o léxico é constituído de uma lista de palavras onde informações fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas estão presentes. Argumentaremos por uma segmentação de dois tipos de processos fonológicos, Um destes tipos prevê que um processo fonológico se aplicará apenas com a informação presente no componente fonológico e o outro tipo de processo fonológico depende de informação dos componentes morfológico e sintático.

2. Processos fonológicos

Entendemos por processo fonológico um evento que cause algum tipo de alternância na seqüência sonora de uma determinada língua. Tal alteração é

¹ Este artigo reflete o trabalho apresentado na II Semana de Língua Portuguesa (FALE-UFMG, 1994). Os tópicos abordados aqui têm sido analisados no projeto “A Organização dos Constituintes Silábicos e a Análise de Processos Fonológicos no Português Brasileiro” (Departamento de Lingüística - FALE-UFMG).

determinada por um contexto específico e determina que, quando as condições previstas forem encontradas, o processo (e conseqüentemente a alteração se aplicará. Um típico exemplo de processo fonológico no Português brasileiro (de algumas variedades) é a palatalização de t/d diante de i. Este processo é formalizado em (I).²

(I) t --> tʃ / ç i

O processo ilustrado em (I) determina que t se manifestará como tʃ quando seguido da vogal i. Assim, explicamos as variedades do Português onde formas como “tia, tinta, tietê” serão manifestadas como “[tʃ]ia, [tʃ]inta, [tʃ]ietê”.³ Uma conseqüência do processo ilustrado em (I) é que não se espera encontrar formas onde t seja seguido por i (quando estas condições ocorrem, o processo acima deverá ser aplicado).⁴

Opondo-se a um processo fonológico temos casos de alternância lexical. Alguns falantes pronunciam as palavras “vassoura, varrer, assovio” como “[b]assoura, [b]arrer, asso[b]io” enquanto outros falantes pronunciam tais formas como “[v]assoura, [v]arrer, asso[v]io”. Este caso de alternância é marcado lexicalmente (na palavra) e não como decorrência de um processo fonológico. Evidência para assumirmos que casos de alternância entre v/b representam um caso de variação lexical é que formas como “vamos, vara” não serão pronunciadas “*[b]amos, *[b]ara” pelos falantes que pronunciam “[b]assoura, [b]arrer, asso[b]io”. Se a alternância entre v/b refletisse um processo fonológico, esperaríamos que a alternância ocorresse sempre.

Tendo em mente a distinção entre uma variação que reflita a aplicação de um processo fonológico e casos de variação lexical vale ainda discutir algumas formas que, aparentemente, são problemáticas na caracterização do primeiro processo. Vimos que o processo fonológico ilustrado em (I) determina que, quando t ocorre seguido por i, o processo de palatalização se aplica e t se manifestará como tʃ. Nos dialetos em que o processo de palatalização se aplica seriam excluídas, então, formas onde *[ti] viesse a ocorrer. Contudo formas como “ele[ti]cista, [ti]steza” – onde [ti] ocorre –

² Em (I) ilustramos apenas a palatalização de t para simplificarmos o formalismo de apresentação da regra. O mesmo processo se aplica a d.

³ Note que a vogal i pode ser nasalizada ou manifestada como um glide.

⁴ Discutiremos algumas formas problemáticas a seguir.

vão ser encontradas em variedades onde esperaríamos que *[ti] não viesse a ocorrer. Claro que as línguas são sábias e há uma razão para não palatalizarmos o [ti] nessas palavras. Todos temos em mente que as mesmas formas podem alternativamente se realizar como “ele[tri]cista, [tri]steza” onde 3 (tri) e não 2 (ti) segmentos ocorrem.⁵

Nas próximas seções discutiremos alguns processos fonológicos que se aplicam ao português brasileiro. Todos os processos discutidos aqui se aplicam opcionalmente. Contudo, acreditamos que a opcionalidade destes processos não invalida a discussão aqui apresentada.

3. Estudo de casos

Nesta seção discutiremos quatro processos: quebra de encontro consonantal tautossilábico, quebra de encontro consonantal heterossilábico, redução de gerúndio e perda de plural. Argumentaremos por dois tipos de processos. Um que se aplica apenas com a informação presente no componente fonológico e o outro que depende da informação não apenas do componente fonológico mas também de informação vinda dos componentes morfológico e sintático.

3.1. Quebra de Encontros Consonantais Tautossilábicos⁶

Em CRISTÓFARO SILVA (1992) propusemos que encontros consonantais tautossilábicos (por exemplo tr) podem opcionalmente se manifestar com uma consoante (t) quando a vogal que os segue for átona. Assim, formas em (2a) – onde os encontros consonantais ocorrem seguidos de vogal postônica – e formas em (2b) – onde os encontros consonantais ocorrem

⁵ Para uma discussão detalhada de formas que apresentam [ti] – como em [ti]steza veja Cristófaró Silva (1994b).

⁶ Tratamos separadamente os encontros consonantais tautossilábicos e heterossilábicos pelos seguintes motivos: a) no primeiro, o grupo consonantal encontra-se na mesma sílaba e, no segundo, o grupo consonantal se encontra em sílabas diferentes; b) as restrições segmentais nos encontros consonantais tautossilábicos se aplicam à segunda consoante da seqüência (que deverá ser r/l) e, nos encontros consonantais heterossilábicos, as restrições se aplicam sempre à primeira consoante (que deverá ser r/s).

seguidos de vogal pretônica – podem sofrer o processo (onde apenas a primeira consoante do encontro consonantal se realiza uma vez que uma vogal átona (postônica ou pretônica) ocorre). Formas em (2c) não sofrerão o processo e a seqüência consonantal deve ocorrer, i.e. [pr]átu e não *[p]átu (porque a vogal que segue o encontro consonantal em (2c) é acentuada e não átona bloqueando, portanto, a aplicação do processo).

- (2) a. qua~~t~~ro, out~~r~~o, semp~~r~~e, liv~~r~~o
b. b~~r~~asileiro, kom~~p~~rimido, eletr~~i~~cista
c. *p~~r~~ato, *f~~y~~evo, *kr~~i~~mi, *tr~~o~~ca

Gostaríamos de evidenciar aqui os seguintes pontos: 1) o processo ilustrado em (2) se aplica a qualquer categoria gramatical (cf./quatro, (nom~~o~~), precisar (ver~~b~~o), sobre (preposição)); 2) o processo se aplica apenas com a informação dada pelo componente fonológico (seqüência de consoantes tautossilábicas e vogal átona/tônica) e 3) há reorganização lexical (cf. formas como sobre/sob – que têm diferença de significado – serão agrupadas diante da mesma entrada lexical /sóbi/ uma vez que há junção das formas fonológicas. Estes itens são resumidos em (3).

- (3). Quebra de encontros consonantais tautossilábicos
a. aplica-se a qualquer categoria gramatical
b. requer informação fonológica (seq. cons. e vogal átona)
c. implica reorganização lexical

3.2. Quebra de Encontros Consonantais Heterossilábicos

De maneira similar ao processo de quebra de encontros consonantais tautossilábicos vemos que a quebra de encontros consonantais heterossilábicos causa a queda da segunda consoante da seqüência. Estes casos são ilustrados em (4).

- (4) a. pe~~r~~gunta
b. fe~~s~~ta

Entretanto, ao contrário dos encontros consonantais tautossilábicos (onde o processo requer que uma vogal átona siga o encontro consonantal – cf. (2a,

b), os encontros consonantais heterossilábicos podem ser quebrados se a vogal que os segue é tônica (cf. (4a)) ou átona (cf. (4b)).⁷

Salientamos aqui os seguintes pontos: 1) o processo ilustrado em (4) se aplica a qualquer categoria gramatical (cf. Pergunta (p~~ro~~me), costurar / (verbo), esta (pronome)); 2) o processo se aplica apenas com a informação dada pelo componente fonológico (seqüência de consoantes heterossilábicas) e 3) há reorganização lexical onde formas como esta/essa (e afins) – que tem diferença de significado – serão agrupadas diante da mesma entrada lexical /é~~s~~a/ porque há junção das formas fonológicas. Estes itens são resumidos em (5).⁸

- (5) Quebra de encontros consonantais heterossilábicos
- a. aplica-se a qualquer categoria gramatical
 - b. requer informação fonológica (seqüência consonantal)
 - c. implica reorganização lexical

3.3. Redução de gerúndio

Em algumas variedades do Português brasileiro temos as formas ilustradas em (6).

- (6) a. comendo e comendo
b. falando e falando

⁷ Encontros consonantais heterossilábicos não ocorrem seguidos de vogal postônica em antepenúltimos, i.e. *súlista.

⁸ Um outro aspecto a ser investigado é que a quebra de encontros consonantais tautossilábicos não altera a silabificação. Há o cancelamento de r em “quatro” mas o t que permanece continua se manifestando da mesma maneira por ser silabificado em posição de onset (i.e., de consoante inicial numa sílaba CV). Por outro lado, nos encontros consonantais heterossilábicos, observamos que, em dados do dialeto carioca, temos “fe[ʃt]a” em que ocorre ʃ porque a fricativa ocorre em posição posvocálica na mesma sílaba. Quando o t é cancelado há mudança da consoante precedente, e temos [fʃ~~m~~as], onde uma fricativa alveolar s e não uma fricativa palatal ʃ ocorre. Obviamente, esta mudança de ponto de articulação (alveolar/palatal) está intimamente relacionada com a estrutura silábica.

c. mentindo e mentindo

As formas ilustradas em (6) mostram que uma seqüência de vogal nasal acentuada seguida por d – [falãdu] ‘falando’ – alterna-se com uma seqüência de vogal nasal seguida por n – [fafãnu] ‘falando’. Assumimos que a representação de vogais nasais em Português corresponde a uma seqüência de vogal oral e segmento nasal. Assim uma vogal como [ã] terá a seguinte representação fonológica: /aN/.⁹

Consideremos as formas em (6). Seguindo a nossa interpretação de vogais nasais propomos que a representação fonológica das formas em (6) apresenta uma raiz verbal seguida da terminação de gerúndio: /Ndo/. A alternância entre as formas comendo/comendo, por exemplo, se dá pela interpretação fonológica da seqüência /Ndo/. Quando temos [falãdu] a consoante nasal cumpre o seu papel de nasalizar a vogal precedente e /do/ ocorre como a sílaba final. Quando temos [falãnu] a consoante nasal cumpre o seu papel de nasalizar a vogal precedente, mas a consoante nasal irá também ocupar a posição de consoante inicial da sílaba final.

Note que temos aqui um processo análogo àquele apresentado na seção 2.2. acima (sobre encontros consonantais heterossilábicos). Ou seja, numa seqüência consonantal heterossilábica (/Nd/), a segunda consoante da seqüência é cancelada opcionalmente (cf. comendo e pergunta).¹⁰

Entretanto, o processo ilustrado em (6) restringe-se às formas onde /Ndo/ ocorre como gerúndio. Veja os exemplos abaixo:

- (7) a. Eu estou vendo (vend~~o~~) você.
b. Eu vendo (*vend~~o~~) livros.

Em (7a) pode ou não ocorrer a queda da segunda consoante na seqüência, enquanto que, em (7b), a segunda consoante da seqüência deve ocorrer. Os

⁹ Esta proposta de análise para as vogais nasais do Português segue CÂMARA (1970).

¹⁰ Note que em seqüências consonantais heterossilábicas onde o segmento nasal ocorre, i.e. /Ndo/, temos o cancelamento da primeira consoante da seqüência (ou seja N) devido ao processo de nasalização de vogais. No caso de outras seqüências, por exemplo /rgu/ em “pergunta”, a primeira consoante da seqüência se manifesta foneticamente.

exemplos de (7) confirmam que o processo ilustrado em (6) se aplica apenas as formas de gerúndio.

Salientamos aqui os seguintes pontos: 1) o processo ilustrado em (6) restringe a sua aplicação às formas de gerúndio, 2) o processo se aplica com informação dada pelo componente fonológico e morfológico (seqüência de consoantes heterossilábicas/forma de gerúndio) e 3) não há reorganização lexical (não haverá mudança de organização interna do léxico). Estes itens são resumidos em (8).

(8). Redução de gerúndio

- a. aplica-se a uma categoria gramatical (gerúndio)
- b. requer informação fonológica (seq. cons) e morfológica (gerúndio).¹¹
- c. não implica reorganização lexical

3.4. Perda de plural

Como falantes do Português temos conhecimento do fato de cancelarmos o plural de substantivos e adjetivos em exemplos como os de (9):

- (9) a. os menino~~s~~
b. os menino~~s~~/pequeno~~s~~

Temos também conhecimento que a “queda do s” relaciona-se à perda da categoria de plural. Assim, não cancelamos o s em formas como “lápis, pires”. Outro fato que nos leva a concluir que cancelamos a categoria de plural é a perda de harmonia vocálica em formas de plural. Sabemos que na forma singular “novo”, a vogal tônica é fechada e que, em sua forma plural, a vogal passa a ser aberta: “novos” (a alternância vocálica caracteriza um processo de harmonia vocálica). Quando cancelamos o morfema plural s em “~~os~~ livros novos” a vogal de “novos” se mantém fechada como em sua forma singular (e não aberta como no plural). Na verdade, cancelamos não apenas o s do plural, mas toda a informação fonológica que se relaciona com a categoria de plural é cancelada também.¹² Resta-nos dizer aqui que é no determinante (artigo ou pronome) que o plural permanece marcado, ocasionando então, uma interação entre os componentes fonológico, morfológico e sintático. /

Podemos observar também que a perda da categoria de plural se manifesta em verbos. Exemplos são dados em(10).

¹¹ A relevância da informação fonológica (que uma vogal nasal acentuada é seguida de d) não é discutida aqui, mas cremos que, em uma abordagem mais completa, devemos investigar o papel da informação fonológica em relação à informação morfológica em mais detalhes.

¹² Uma análise cuidadosa de todas as alternativas de interpretação fonológica da perda de plural ainda merece ser realizada. Verifiquem as formas plurais de: capitão, leão, pão, anel, judeu.

- 10) a. eles ficaram/ficaru parado
b. elas falam/fala inglês?
c. Cês querem/que café?

A perda da categoria de plural nos verbos causa o cancelamento de vogais nasais postônicas (cf. (10)). A perda de vogais nasais postônicas tem também ocorrido em nomes, adjetivos e advérbios (além de ocorrer nos verbos indicando a perda da categoria de plural). Os dados em (11) ilustram dados que apoiam esta última afirmação:

- (11) imã, órfão, ontem

Note que o cancelamento de vogal nasal postônica aparece como decorrente da perda de plural e, possivelmente, a partir de algum momento, passa a se aplicar ao domínio fonológico (a vogais nasais postônicas) sem a informação morfológica específica da perda de plural.

Gostaríamos de salientar aqui os seguintes pontos: 1) o processo de perda de plural se aplica a uma categoria gramatical (marca de plural), 2) o processo se aplica com informação dada pelo componente fonológico (perda de s/não harmonização vocálica/cancelamento de vogal nasal postônica) e morfológico (categoria de plural), 3) não há reorganização lexical (não haverá mudança de organização interna do léxico).¹³

- (12) Redução de gerúndio

- a. aplica-se a uma categoria gramatical (plural)
b. requer informação fonológica e morfológica
c. não implica reorganização lexical.

4. Conclusão

Neste artigo discutimos alguns aspectos da interação dos componentes fonológico, morfológico e sintático na gramática do Português brasileiro. Argumentamos por dois tipos de processos. Um que se aplica apenas com a

¹³ Pode ser que formas como ficaram/ficaru tenham entradas lexicais diferentes, mas não temos argumentos que sustentem tal afirmação. Neste estágio assumimos que não há reorganização lexical.

informação presente no componente fonológico (cf. seções 2.1 e 2.2) e o outro que depende da informação dos componentes fonológico, morfológico e sintático (cf. seções 2.3 e 2.4). Apresentando reflexões de um projeto de pesquisa em andamento (CRISTÓFARO SILVA (1994a) esperamos que, oportunamente, tenhamos uma interpretação mais completa e definitiva dos pontos aqui levantados.

5. Referências Bibliográficas

CÂMARA (Jr.). J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

CRISTÓFARO SILVA, T. C. A. da. *A Organização dos constituintes silábicos e a análise de processos fonológicos no Português Brasileiro*. Projeto de Pesquisa. Departamento de Linguística, FALE/UFMG, 1994a.

CRISTÓFARO SILVA, T. C. A. da. *On Palatalization in Brazilian Portuguese*. Paper presented at SOAS Seminar. Londres, 1995b.

CRISTÓFARO SILVA, T. C. A. da. *Nuclear Phenomena in Brazilian Portuguese*. Ph.D. Thesis. University of London, 1992.

KAYE, J.D. (1992). *On the Interaction of Theories of Lexical Phonology and Theories of Phonological Phenomena*. In: *Phonologica 1988* (W.U. Dressler, H.C. Luschützke, O.E. Pfeiffer, J.R. Rennison (eds.)). Cambridge University Press, p. 141-155.

KAYE, J.D. *Sobre a Teoria Fonológica de Governo*. Curso ministrado na FALE-UFMG. Junho, 1995.

KAYE, J.D. & J.R. VERGNAUD. *Phonology, Morphology and the Lexicon*. Paper presented at the 1990 GLOW Colloquium. St's Johns College. Cambridge, 1990.